

ATA DA 023ª SESSÃO ESPECIAL DA  
3ª SESSÃO LEGISLATIVA DA 17ª LEGISLATURA  
REALIZADA EM 04 DE JULHO DE 2013, ÀS 19H  
PRESIDÊNCIA DO SENHOR DEPUTADO JOARES PONTICELLI  
HOMENAGEM AO CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DO  
ANTROPÓLOGO CATARINENSE EGON SCHADEN

O SR. PRESIDENTE (Deputado Joares Ponticelli) -  
Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a  
presente sessão especial.

Convido as excelentíssimas autoridades que serão  
nominadas para compor a mesa:

Excelentíssimo prefeito do município de São  
Bonifácio, senhor Laurino Peters;

Excelentíssimo presidente da Câmara de Municipal  
do município de São Bonifácio, vereador Ademir Pedro  
Degering;

Senhor Reimar Schaden, neste ato representando  
seu pai, Egon Schaden, *in memoriam*;

Professor presidente do Instituto Histórico  
Geográfico de Santa Catarina e da Comissão  
Catarinense de Folclore, senhor Nereu do Valle  
Pereira;

Professora e presidente da Associação Brasileira  
de Antropologia, senhora Carmen Silva Rial;

Professor da Universidade Federal do Estado de  
Santa Catarina e coordenador dos eventos do  
centenário de Egon Schaden, senhor Pedro Martins;

Excelentíssimas autoridades, senhoras e  
senhores!

A presente sessão em comemoração ao centenário  
de nascimento do antropólogo catarinense Egon  
Schaden foi convocada por solicitação da Mesa  
Diretora e aprovada por unanimidade pelos demais  
parlamentares.

Neste momento teremos a execução do Hino  
Nacional.

(Procede-se à execução do hino.)

Esta Presidência convida ainda para compor a  
mesa de autoridades o capelão do Imperial Hospital  
de Caridade, padre Pedro Koehler, neste ato

representando o arcebispo metropolitano dom Vilson Tadeu Jonck.

(Palmas)

Registramos ainda e agradecemos a presença das seguintes autoridades:

Senhora Sara Poyares dos Reis, professora e membro da diretoria do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina;

Padre Mário Sundermann, diretor-geral do Colégio Catarinense;

Senhor Edson Busch Machado, neste ato representando o secretário Executivo de Assuntos Internacionais, Felipe Mello;

Senhor Anderson Flores, procurador-geral-adjunto do Ministério Público junto ao Tribunal de Contas;

Senhora Tânia Velter, professora da Universidade Federal da Fronteira Sul, neste ato representando o pró-reitor de Pesquisa e Pós-Graduação, Joviles Trevisol;

Vereadores Graziela Vanroo, Gelson Sebastião Beumer, Odeval Orlando Vanroo, Ronei Buchner e Lindolfo Schug, do município de São Bonifácio.

A seguir, teremos a apresentação de um vídeo institucional.

(Procede-se à exibição do vídeo.)

Neste momento, convido para fazer uso da palavra o sr. Pedro Martins, professor da Udesc.

O SR. PROFESSOR PEDRO MARTINS - Excelentíssimo sr. presidente da Assembleia Legislativo de Santa Catarina, deputado Joares Ponticelli, e cumprimentando-o, cumprimento os demais componentes da mesa, as demais autoridades presentes, os amigos, colegas e familiares.

Passo a fazer a apresentação do professor Egon Schaden, considerando que em Santa Catarina, de um modo geral, o homenageado Egon Schaden é muito pouco conhecido.

(Passa a ler.)

"É digna de louvor a iniciativa da Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina ao realizar esta sessão especial onde se presta homenagem ao

antropólogo catarinense Egon Schaden no dia exato em que se completam cem anos do seu nascimento.

A Alesc presta, com a realização deste evento, uma tremenda contribuição à história e à memória de Santa Catarina e cabe-me aqui, nesta fala de apresentação, traçar um breve perfil do professor Egon Schaden, buscando destacar aquilo que me parece fazer da sua vida pública uma trajetória exemplar. Por exemplar, não quero indicar uma trajetória que deva ser seguida ou imitada, uma vez que resultou de um processo histórico específico, mas exemplar no sentido de que merece ser conhecida e compreendida para que dela se possam tirar conhecimentos e resgatá-la como patrimônio da nossa memória.

A trajetória do professor Egon Schaden está repleta de eventos extraordinários que estimulam a reflexão sobre diferentes temas, como a imigração alemã em Santa Catarina, a construção da identidade nacional, o processo de desenvolvimento de comunidades locais, entre tantos outros. Isso motivou a Udesc a investir na pesquisa buscando esse resgate e sua apropriação pelos estudiosos das Ciências Sociais, especialmente da Antropologia, mas também pelo estado de Santa Catarina, particularmente pela cidade de São Bonifácio e sua população.

O processo de resgate dessa trajetória ainda está longe de ser concluído. Podemos, no entanto, para os propósitos deste evento, alinhar alguns destaques que mostram a relevância da pesquisa da trajetória de Egon Schaden, bem como a pertinência das homenagens que a ele se prestam na ocasião do centenário de seu nascimento.

Egon Schaden foi o filho mais velho de Francisco Schaden, jovem pioneiro alemão chegado ao Brasil no início do século XX. Na localidade de Löffelscheidt, Águas Mornas, Francisco iniciou sua carreira de professor primário, casou-se com Catharina Roth e juntou-se a um pequeno grupo de pioneiros para desbravar as terras do Alto Capivari e criar o povoado de São Bonifácio. Lá nasceram seus 11

filhos, aos quais criou e educou, tendo como fonte de sustento não apenas o seu salário de professor, mas principalmente os produtos da agricultura.

Francisco Schaden tinha pouca escolaridade, mas destacou-se como autodidata de muito empenho. A formação adquirida dessa maneira foi crucial para influenciar na formação do menino Egon, a quem se dedicou com toda a sua energia. Dessa maneira, com cerca de oito anos de idade, Egon já partilhava conhecimentos especializados fora do alcance da maioria dos adultos da sua época.

Francisco sabia, conforme relatou o próprio Egon Schaden muitos anos mais tarde, que após a escola primária, onde Francisco lecionava, terminaria a carreira acadêmica do filho. Sem dinheiro para mandá-lo a uma escola distante e cara, restava a Francisco preparar o filho da melhor maneira possível para explorar por conta própria as suas potencialidades.

Foi assim que Egon, aos 12 anos de idade e já fora da escola como aluno, passou a ser professor em um curso noturno onde alfabetizava agricultores adultos. É também dessa época, segundo relata Egon Schaden, sua experiência mais marcante e que, possivelmente, determinou a vocação de sua vida.

Seu pai, Francisco, homem de grande sensibilidade, foi chamado para intervir em um conflito entre indígenas e bugreros que se dava nas proximidades do povoado. Egon o seguiu na empreitada como sempre fazia. Chegando ao local do conflito já não encontraram os bugreros, mas apenas índios mortos a quem deram enterro.

Após três anos fora da escola e com a vida tomando o rumo já esperado pelo pai, aconteceu o evento que alteraria o curso de sua vida.

Em 1927, em visita a São Bonifácio e acolhido na casa de Francisco Schaden, o então governador Adolfo Konder entendeu que o menino Egon merecia uma oportunidade de continuar estudando e indicou-o para uma bolsa de estudos em regime de internato no então Ginásio Catarinense. Em 1928, conforme os registros

do atual Colégio Catarinense, Egon Schaden, aos 14 anos de idade, dava entrada em seu pedido de matrícula para ingresso no curso secundário.

Faço dois registros importantes: em 1929, segundo a mensagem do governador Adolfo Konder apresentada a esta Casa, 25 dos 250 alunos matriculados no Ginásio Catarinense eram bolsistas do estado, cinco dos quais em regime de internato, um deles o próprio Egon Schaden.

Outro registro: o governador Adolfo Konder, ao que se pode depreender dos poucos registros existentes, era portador de uma trajetória que se pode também chamar de exemplar, a quem ainda se deve a atenção adequada, principalmente pela sua visão de educação como fator estratégico de civilidade, conforme se pode depreender das mensagens que apresentou a esta Casa, bem como do relato de Othon Gama D'Eça, que enfoca a viagem de Adolfo Konder aos confins de Santa Catarina.

Matriculado no Ginásio Catarinense, Egon Schaden faz transcorrer cada um dos cinco anos que ali passou como aluno exemplar, recebendo a cada ano o prêmio de excelência e sendo lembrado ainda hoje no colégio como o melhor dos seus alunos naquele período.

O ano de 1933 inicia com Egon Schaden em São Paulo, empregado como professor primário e matriculado na Faculdade Paulista de Letras e Filosofia. Como relembra Antônio Cândido, ainda não havia a Universidade de São Paulo, criada apenas em 1934, para a qual ele se transfere em 1935. Forma-se em Filosofia em 1937, mas continua a formação acadêmica nesta universidade até o mais elevado nível disponível na carreira acadêmica. Inicia sua atuação profissional na Universidade de São Paulo, em 1942, como assistente do eminente sociólogo Emílio Willems, a quem vai suceder mais tarde na cátedra de Antropologia.

Conforme registros deixados por Egon Schaden, sua maior vocação foi a de professor. Ele a exerceu em todos os níveis, do ensino primário à orientação

de teses de doutorado. Para ensinar, no entanto, sempre se dedicou à pesquisa até porque também ensinava a pesquisar. Das pesquisas realizadas, centradas fundamentalmente na questão dos índios brasileiros, resultaram três teses: a de doutorado, de livre docência e de cátedra, três livros sucessivamente reeditados e cujas contribuições ainda são um marco na produção científica do país.

Sua preocupação com a divulgação da produção antropológica e com a disseminação de temas brasileiros entre a população de língua alemã, levou-o a criar diferentes revistas. A primeira, a *Pindorama*, era editada em parceria com seu pai Francisco Schaden.

Na USP criou, em 1953, a *Revista de Antropologia*, da qual foi editor por 20 anos e que se transformou no primeiro órgão de divulgação da Associação Brasileira de Antropologia, criada também na mesma época. A vitalidade da revista é atestada pela sua persistência até os dias atuais, quando completa 60 anos de existência.

No mesmo ano de 1953, Egon Schaden criou o *Staden Jarhbuch*, o anuário do Instituto Hans Staden, editado em alemão com o propósito de estabelecer um diálogo entre Brasil e Alemanha. O anuário foi rebatizado com nome de *Martius-Staden Jarhbuch*, quando o instituto incorporou a homenagem a Von Martius, mas completa em 2013 também 60 anos de existência.

Além de outras obras publicadas e da sua intensa atuação no campo da antropologia, Egon Schaden escreveu centenas de artigos científicos e de divulgação científica publicados no Brasil e em uma dezena de outros países.

Paralelamente à sua atividade como professor e pesquisador, Egon Schaden transitou por uma dezena de países como conferencista ou como professor visitante. Sua maior relação, naturalmente, era com a Alemanha, onde se sentia em casa. Seu amplo domínio de idiomas estrangeiros facilitava seu trânsito pelos diferentes países, como ele próprio

registra em depoimento ao projeto da Unicamp.

Além de ser bilíngue, como registra Antônio Cândido, no sentido de que dominava a cultura brasileira e a cultura alemã, Egon Schaden era fluente em inglês e francês desde os tempos do secundário, falava também latim, as línguas internacionais esperanto e volopuk, e aprendeu espanhol e guarani, línguas que utilizou em grande escala não apenas nas pesquisas sobre etnologia guarani, como também nas suas estadas como professor visitante em países de cultura hispânica e guarani.

Segundo o relato de João Baptista Borges Pereira, em 1967, o professor Egon Schaden assustou a todos os colegas e alunos ao pedir repentinamente aposentadoria do Departamento de Antropologia da USP. Ele tinha tempo de serviço para aposentar-se, mas a aposentadoria foi motivada pelo convite recebido do governo alemão para que assumisse, em caráter vitalício, a cátedra de Antropologia Indígena na Universidade de Bonn. Seria a realização de um sonho. Mas apesar de ter nascido na Alemanha, esse não era o sonho de dona Margarida, ou Margarete, sua esposa. Após atender a muitos convites para cursos e conferências em diferentes países, o professor Schaden foi desafiado para uma nova tarefa na nascente Escola de Comunicações e Artes da USP, voltando assim ao trabalho na universidade. Lá criou a disciplina de Antropologia da Comunicação, usando seu conhecimento das culturas indígenas, mas também a experiência adquirida ao orientar a tese de João Baptista Borges Pereira sobre a participação dos negros no rádio em São Paulo.

Em 1983 Egon Schaden foi aposentado compulsoriamente ao completar 70 anos - fato que o desgostou muito, pois o trabalho para ele não era sinônimo de sacrifício. O professor Egon Schaden veio a falecer em 1991, aos 78 anos de idade.

Como legado, o professor Egon Schaden nos deixou a consolidação da antropologia na USP, a criação da cadeira de Antropologia da Comunicação, a sua obra

escrita, as revistas criadas, seu profundo compromisso com a educação em todos os níveis, seu exemplo de pioneirismo em diferentes áreas de atuação, mas, sobretudo, o desejo de tornar menor a distância entre as pessoas, o que é possível através da comunicação do conhecimento.

Se tudo isso ainda fosse pouco, pode-se afirmar que o professor Egon Schaden é o único antropólogo brasileiro de grande destaque cuja origem é eminentemente rural, tanto do ponto de vista geográfico quanto do ponto de vista de classe.

Neste ano de 2013, em que se comemora o Ano da Alemanha no Brasil, nada mais oportuno que comemorar o centenário de nascimento de Egon Schaden, um homem entre duas culturas - nas palavras de Antônio Cândido.

Muito obrigado!"

(Palmas)

(SEM REVISÃO DO ORADOR)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Joares Ponticelli) - Depois da brilhante manifestação do professor Pedro Martins, convido para fazer uso da palavra a professora Carmem Silvia Rial, presidente da Associação Brasileira de Antropologia.

A SRA. PROFESSORA CARMEN SILVA RIAL - Eu gostaria de saudar o presidente da Assembleia Legislativa, deputado Joares Ponticelli; o prefeito de São Bonifácio, Laurindo Peters; o presidente da Câmara Municipal de São Bonifácio, vereador Ademir Degering; o padre Pedro Koehler; o sr. Reimar Schaden; e os professores Pedro Martins e Tânia Velter.

É uma honra, como presidente da ABA, estar aqui nesta noite. Agradeço a esta Casa por abrir suas portas aos antropólogos, pois a antropologia catarinense tem tido um papel muito importante na nossa associação. Antes de mim estiveram na presidência o professor Sílvio Coelho dos Santos, também um defensor das causas indígenas, e a professora Mirian Grossi, da UFSC.

Acho que é muito importante que a Assembleia

Legislativa, abrigada neste prédio tão bonito que eu ainda não conhecia depois de renovado, dê espaço aos antropólogos e lembre Egon Schaden, porque ao lembrar Egon Schaden lembramos os seus ideais. E os seus ideais podem ser resumidos na pequena história que o Pedro nos relatou acerca do encontro que teve tentando mediar um conflito entre indígenas e bugreros.

Egon Schaden viveu num tempo difícil para as populações indígenas, um tempo em que ainda se remunerava quem entregava uma orelha de um índio. E o estado brasileiro fazia isso. Mas os tempos mudaram, o Brasil mudou, e hoje talvez um aluno do meio rural tenha maiores oportunidades e conte com bolsas de estudos com uma facilidade maior do que a que teve Egon Schaden. Ele foi uma exceção. Hoje talvez tenhamos uma possibilidade maior de acesso ao conhecimento e de ingresso na universidade. Mas as ameaças às populações indígenas permanecem. Já não são bugreros, são outras as forças que se levantam e tentam retirar dos índios aquilo que eles conquistaram como direito constitucional.

É por isso que me alegra muito estar nesta Casa homenageando Egon Schaden, porque espero que a Casa do Povo seja uma voz em favor dos indígenas. Discute-se, hoje, no Brasil outra forma de demarcar as terras indígenas, algo que altere aquilo que está na Constituição. Por isso, esta Casa tem que ser porta-voz desse direito constitucional e não permitir que se altere a legislação, porque aí, sim, estaremos homenageando Egon Schaden, Sílvio Coelho dos Santos e tantos outros antropólogos catarinenses que têm lutado pelos direitos indígenas, sofrendo às vezes infâmias e tentando manter-se como uma voz ao lado dessas populações.

Então, agradeço muito e digo que realmente saio com o coração alegre de estar aqui e ver que as portas da Assembleia Legislativa deste estado estão abertas para algo tão importante que é, de certo modo, o legado de Egon Schaden.

Muito obrigada!

(Palmas)

(SEM REVISÃO DA ORADORA)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Joares Ponticelli) - Eu quero agradecer a manifestação da professora e dizer que os nossos veículos de comunicação, a nossa TVAL, a nossa Rádio Digital Alesc e a nossa Agência de Notícias, haverão de reproduzir esta sessão, para que milhares de catarinenses que nos assistem neste momento e outros, pois esta sessão será reprisada, possam ter acesso a essas informações e conhecer um pouco mais da trajetória de Egon Schaden e dessa história.

Neste momento convido a mestre-de-cerimônias Soraia Boabaid para discorrer sobre o homenageado desta noite.

A SRA. MESTRE-DE-CERIMÔNIAS (Soraia Boabaid) - Neste momento, o Poder Legislativo catarinense presta homenagem ao antropólogo catarinense Egon Schaden em comemoração ao centenário de seu nascimento, um dos pioneiros da antropologia no Brasil.

Nascido em São Bonifácio, criador da primeira revista de ciência que estuda as relações e a evolução do homem, foi professor e responsável pela criação de disciplinas na Escola de Comunicação e Artes em uma das universidades mais renomadas do Brasil, a Universidade de São Paulo - USP -, tornando-se um marco na antropologia brasileira, que transcendeu as fronteiras do país.

Convido o sr. deputado Joares Ponticelli para fazer entrega da homenagem, em nome do Parlamento catarinense, ao sr. Reimar Schaden, neste ato representando seu pai, antropólogo Egon Schaden.

Convido todos os familiares do homenageado presentes para se juntarem ao sr. Reimar a fim de receberem a homenagem.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Joares Ponticelli) - Convido o sr. Laurino Peters, prefeito do município de São Bonifácio, para fazer uso da palavra.

O SR. PREFEITO LAURINO PETERS - Cumprimento o presidente da Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina, deputado Joares Ponticelli, e estendo os cumprimentos aos demais membros da mesa.

Cumprimento o professor Pedro Martins, da Universidade do Estado de Santa Catarina; a professora Maria Dorothea Post Carella, da Universidade Federal de Santa Catarina; a professora Tania Velter da Universidade Federal da Fronteira Sul e a nossa equipe da secretaria da Cultura, idealizadora da homenagem que hoje acontece.

Em especial quero cumprimentar os filhos de Egon Schaden, que vieram de Brasília e de São Paulo para esta sessão.

Também quero cumprimentar toda a família Schaden que se faz presente, os conterrâneos da minha cidade de São Bonifácio e os demais presentes.

Hoje aqui estamos prestando uma homenagem a um filho da nossa terra, o são-bonifacense Ego Schaden, *in memoriam*, nascido em 4 de julho de 1913, filho de família humilde de colonizadores alemães, os srs. Francisco Serafim Guilherme Schaden e Catarina Roth Schaden.

Egon Schaden, depois de muito empenho e dedicação sua e da família, chegou a ser o maior antropólogo que o Brasil já conheceu, ajudando a criar a cadeira de antropologia na Universidade de São Paulo.

Sua capacidade e dedicação levaram o gênio de São Bonifácio a ser palestrante nas universidades pelo mundo, discutindo temas como a imigração dos povos e os conflitos indígenas.

Sugiro que tomemos a trajetória de vida do professor Egon como exemplo, pois superou as dificuldades de seu tempo e deixou-nos um grande legado.

Hoje iniciamos a primeira etapa da nossa homenagem ao ilustre catarinense Egon Schaden.

Quero convidar todos vocês para prestigiarem o seminário Cem anos de Egon Schaden, que acontecerá em São Bonifácio, nos dias 25 e 26 julho.

Muito obrigado!

(Palmas)

(SEM REVISÃO DO ORADOR)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Joares Ponticelli) - Convido para fazer uso da palavra o sr. Reimar Schaden, neste ato representando o seu pai, Egon Schaden.

O SR. REIMAR SCHADEN - Sr. presidente da Alesc, deputado Joares Ponticelli, autoridades que compõem a mesa, senhoras e senhores.

(Passa a ler.)

"Na condição de primogênito do homenageado desta noite, tenho a grata tarefa de dizer-lhes algumas breves palavras de agradecimento, em meu nome e no das minhas irmãs e dos demais parentes de Egon Schaden.

Nascido há 100 anos na localidade de São Bonifácio do Capivari, neste estado, filho mais velho do mestre-escola Francisco Schaden, não tinha por si só as condições para continuar seus estudos além da escola fundamental.

Afortunadamente, passou por São Bonifácio o então governador de Santa Catarina que, em colóquio informal, atentou para a vivacidade e inteligência do rapaz que lhe limpava as botas. De pronto, ofereceu-lhe ajuda para prosseguir em sua formação, com uma bolsa de estudos no Colégio Catarinense.

Vale observar que, na época, a comunicação com a capital do estado era feita em lombo de burro, ao longo de uma picada no seio da serra. Então, não foi fácil para o jovem, ainda mais quando afastado do seio da família, mas Egon Schaden correspondeu plenamente à confiança nele depositada e durante todo o curso ginásial obteve sempre o primeiro lugar nos boletins escolares de sua turma. Apenas em uma ocasião ficou em segundo lugar, pois fizera uma careta para um vizinho que o cutucara durante o retiro espiritual. No dia seguinte seu pai esteve presente querendo saber a causa de tão mau resultado.

Foi nesse nobre estabelecimento de ensino de

Florianópolis, o Colégio Catarinense, que seu futuro caminho acadêmico foi firmemente alicerçado, ao conferir-lhe rigor e disciplina no pensamento lógico. Deu-lhe assim a possibilidade de prosseguir sua formação como estudante e depois continuar sua carreira como professor e cientista na área de antropologia na recém-criada Universidade de São Paulo, então a única no país digna desse nome.

Chegou, por concurso, até a posição de professor catedrático na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras; depois de aposentado, a USP o chamou de volta para atuar na Escola de Comunicação e Artes como professor titular.

Mas sua carreira científica de fato começou em Santa Catarina, quando na companhia de seu pai fez sua primeira pesquisa de campo entre os índios xokleng no oeste do estado.

Realizou suas pesquisas antropológicas com os imigrantes alemães e japoneses, mas principalmente com os indígenas, no Brasil, em diversas regiões, e também no exterior, no Paraguai e na Colômbia. Integrou-se mesmo a uma tribo indígena e gostava de contar o que passou quando os guaranis o receberam como membro em seu meio: teve, na cerimônia, que dançar com eles durante uma noite inteira até a exaustão. Foi então batizado de *Avanhamundadjá*, aquele que fala alto. Considerou uma grande honra para ele ter sido o segundo branco a ser admitido na tribo.

Com bom humor, meu pai constatou que a pesquisa de campo com os nativos pode trazer consigo situações imprevistas, quando, por exemplo, sentado em um tronco caído comia seus beijus, um dos quais permanecia ao seu lado; foi quando o cacique veio solicitadamente conversar e, desatento, sentou com suas nádegas desnudas sobre o beiju que ali estava. Foi-se a refeição.

No âmbito acadêmico, varou as fronteiras do Brasil, participando de muitíssimos congressos, seminários e similares pelo mundo afora. Foi professor-visitante em muitos países: três vezes na

Alemanha, na França, no Japão, no Canadá, na Colômbia, no Equador, e por aí vai. Assim, esse catarinense granjeou fama internacional.

Permitam-me ilustrá-lo com um episódio que, embora quase restrito ao âmbito familiar, parece-me significativo: nossa filha Bettina, violinista de profissão, realizou seus estudos em uma pequena universidade nos Estados Unidos, onde, por força do regulamento acadêmico, foi obrigada a cursar uma disciplina nas ciências humanas; escolheu antropologia. A professora que a ministrava tinha como especialidade os esquimós, nada de índios da América do Sul. Contudo, ao fazer a chamada dos alunos na primeira aula, estancou ao ler o nome de Bettina, e perguntou: 'Você é parente de Egon Schaden?' Lá longe, no outro hemisfério terrestre, seu nome é, ainda hoje, conhecido e lembrado no mundo acadêmico.

Por tudo isso, consideramos muito justa a homenagem que a Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina presta ao nosso pai no centenário de seu nascimento. Sentimo-nos imensamente gratificados!

Quero terminar minhas palavras com um sincero e profundo: muito obrigado!"

(Palmas)

(SEM REVISÃO DO ORADOR)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Joares Ponticelli) - Esta Presidência quer saudar mais uma vez todos os integrantes da mesa e em nome de Reimar Schaden cumprimentar toda a família do ilustre catarinense Egon Schaden.

Queremos dizer da nossa alegria em ter recebido uma solicitação do ex-governador e deputado federal Esperidião Amin, que pede publicamente, através, desta Presidência, desculpas por não poder comparecer a esta sessão especial em função de outro compromisso que está empreendendo no vizinho município de Biguaçu, numa atividade que, infelizmente, acabou coincidindo as agendas. E por se tratar de atividade com a presença de

parlamentares federais, uma atividade em favor de uma grande causa, que é a Apae de Biguaçu, ele lamentou muito e pediu que fizesse essa justificativa.

Mas foi ele quem nos fez a sugestão de prestarmos, padre Pedro, esta homenagem àquele que foi seu amigo - o senhor, que teve a oportunidade e o privilégio de conhecê-lo e poder chamá-lo de amigo.

Eu, que fui distinguido, caríssimo prefeito, com a generosa condição, nas últimas eleições, de primeiro representante nesta Casa do povo de São Bonifácio, sinto-me feliz e com a consciência do dever cumprido em poder oportunizar, em nome dos 40 parlamentares deste Parlamento, esta homenagem aos familiares, aos descendentes e aos amigos de Egon Schaden.

A terra querida de São Bonifácio emprestou para Santa Catarina, para o Brasil e para o mundo um filho ilustre que precisa ter sua história preservada, difundida, contada aos demais catarinenses. É preciso que se resgate essa história.

Nós cometemos alguns pecados em nosso estado. E lembrava-me agora, enquanto ouvia relatos tão extraordinários feitos pelos oradores que me antecederam, de outras histórias de catarinenses ilustres que não tivemos competência para contar. E recordava a história da grande catarinense Anita Garibaldi, cujos 164 anos de sua morte serão lembrados no próximo dia 4 de agosto.

Eu, já como deputado estadual, em 2001, senti-me, caro prefeito, constrangido quando subindo à colina, que é o ponto mais elevado de Roma, percebi, constatei, vislumbrei, visualizei, padre Pedro, o monumento que a Itália ergueu à catarinense Anita Garibaldi. Mas aqui, no solo onde ela nasceu, no seu país de nascimento, muitas vezes sua história é esquecida, negligenciada e até mal contada.

Falar em repatriar os restos mortais de Anita Garibaldi, como chegou a se falar, é tido como uma

ofensa à nação italiana por conta da veneração que a população daquele país ainda dedica a ilustríssima catarinense Anita Garibaldi.

Por isso, sinto-me muito feliz em presidir a Assembleia Legislativa, de propor e de ter tido a solidariedade unânime desta Casa para a realização desta sessão especial, a fim de que um pedacinho da história tão rica do pai da Antropologia fosse contada nesta noite e repetida, como já disse, através dos nossos instrumentos de comunicação, especialmente no ano do Brasil/Alemanha.

É importante que se registre - e não por acaso, vejam que o ano de 1913 foi muito especial - que em 26 de setembro outro catarinense ilustre completaria 100 anos se vivo estivesse. E por isso estaremos, numa sessão idêntica a esta, celebrando o centenário de nascimento do ilustre tubaronense Willy Alfredo Zumblick, um dos maiores artistas clássicos de Santa Catarina e do Brasil, o maior pintor das bandeiras do Divino, aquele que tão bem retratou, através da sua obra, da sua arte, a cultura, o folclore, a história catarinense, da saga do Contestado, à brilhante trajetória de Anita e Giuseppe Garibaldi.

Eu concluo dizendo que faremos um esforço ainda maior, prefeito, inclusive com a boa programação que a prefeitura de São Bonifácio e seus parceiros estão empreendendo, para colocar todo a nossa Diretoria de Comunicação Social e a Coordenadoria de Eventos à disposição, a fim de dar plena cobertura e divulgar ainda mais, para que Santa Catarina possa conhecer, e conhecendo possa orgulhar-se cada vez mais esse ilustre filho, vindo de um município de pessoas tão humildes, trabalhadoras, mas que representam exatamente aquilo que nós somos, um estado composto de diversas etnias, de cores e caras diferentes que nos diferenciam e destacam-nos no Brasil. E aí, talvez por sermos o único estado feminino do Brasil, isso também possa diferenciar-nos dos demais, até porque, padre Pedro, em breve teremos a nossa Santa Albertina, depois de termos a nossa Santa Paulina.

Muito obrigado, parabéns, um grande abraço para

toda a família, já que nos alegamos muito por poder prestar este reconhecimento nesta noite.

A Presidência agradece a presença das autoridades com assento à mesa e a todos que nos honraram com seu comparecimento, convidando-os para um coquetel no *hall* deste Poder.

Neste momento teremos a execução do Hino de Santa Catarina.

(Procede-se à execução do hino.)

A Presidência aproveita a oportunidade para convidá-los para, na próxima segunda-feira, em sessão especial, lembrar os 30 anos das cheias do vale do Itajaí, aquele momento triste que viveram os catarinenses, mas que conseguiram transformar a dificuldade numa oportunidade de mostrar a força da solidariedade e o poder da reconstrução, que é marca da nossa gente.

Nessa noite também será lançado um livro que relata a trajetória e a ação do governador à época, Esperidião Amin, escrito pelo jornalista Moacir Pereira.

Neste momento, antes de encerramos a presente sessão, convocamos outra, especial, para segunda-feira, às 19h.

Está encerrada a sessão.